

OLIVEIROS S. FERREIRA

DF- Brasília Meditação sem destino

Não se acreditará que exista. Esteve, porém, à minha frente, em carne e osso. De Nova York, onde trabalhou na sede da ONU durante anos, acabou fortificando sua casa no Gama, cidade-satélite de Brasília, onde reside alguns meses e passa outros nos Estados Unidos, cuidando de textos antigos. Não se espanta com o que acontece no Rio — apenas estranha que não demos atenção ao que sucede dia e noite nas cidades-satélites de Brasília, onde a violência e o crime, além da falta de oportunidades, são enormes. Simplesmente não compreende a imprensa, mas também não se desespera por não entender. Não chega a ser um espectador engajado, porque não tem mais cruz que o leve a ser cruzado. Conforta-se em viver com o pouco que tem e se espanta, estremece às vezes, com meu pessimismo congênito.

Apesar disso, entendeu perfeitamente bem o que lhe disse: o problema do Brasil não é social, apesar dos milhões de desamparados. É sociológico. Decorre da falta de relações sociais criadoras entre os diferentes estratos sociais e dentro deles mesmos. Quem melhor descreveu o que isso quer dizer,

foi Marx na antológica passagem do *Dezoito Brumário*: uma casa, uma parcela, um camponês. Outra casa, outra parcela, outra família camponesa. Isolados uns dos outros, embora vizinhos, não desenvolviam nenhum tipo de relação social mais rica. Eram pobres no seu universo mental, nas suas fantasias, ricos nas suas frustrações. É um problema sociológico, mas é também psicológico, e como tal marca as pessoas, as destrói por dentro e faz de cada uma, sem que tenham consciência, um outro "Harry, o lobo da estepa". Vieram à memória, quando discutia com ele, que queria entender o Brasil, velhas leituras de Reich, e lhe disse cruamente: que personalidades relativamente bem-estruturadas podem desenvolver os que moram nos barracos, onde quer que seja, se não têm intimidade para manter sadias relações sexuais? E ao es-

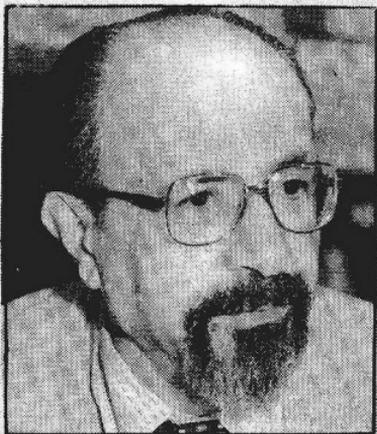
crever essas linhas, vem-me à mente a notícia da menina de 13 anos, grávida, que morreu no Rio vítima de uma bala perdida, e a fotografia dos pais, desesperados, impedidos de entrar no hospital. Ela morreu, tendo-se recusado a matar a criança — coisa normal nesta sociedade sem valores que nos mantenham de pé. Ela se manteve de pé até que a bala a derrubou e matou com ela a criança que queria ter, porque era fruto de um ato de amor.

Talvez já não entendamos esses sentimentos ultrapassados. São eles, no entanto, que ainda permitem que esta sociedade, este país se mantenham de pé — que os governos imaginem que governam só porque mandam. A longa crise, que dura pelo menos

desde 1982, mudou todos nós, que não nos reconhecemos mais — a menos que tenhamos fugido para dentro das armaduras com que aprendemos a nos defender quando éramos jovens e queríamos esconder nossos segredos mais íntimos. Somos, se assim for, uma sociedade de mulheres e homens fechados nas suas armaduras — como poderemos nos comunicar uns com os outros? Como poderemos construir aquilo que Gurvitch chamava

de sociabilidade ativa, criar uma moral e um direito que retratem a vida que nós construímos, um abrindo sua consciência ao outro?

São meditações fora de propósito e lugar, inspiradas talvez no sentimento iníquo de inveja por quem teve a coragem de fortificar-se no Gama e espairar quando em quando no Exterior, cuidando de coisas intelectuais. Ele não entende o Brasil — mas vê o drama dos brasileiros que foram chamados a Brasília pela insensatez dos homens. Com isso termino, recordando-me de que quando voltei, em 1958, de uma viagem às obras de Brasília, escrevi artigo cujo mote era este que serve para encerrar o atual: "Alguém perguntou a V., seu pai, seu irmão se queria que construíssemos Brasília? Mas alguém um dia perguntou a V., seu pai, seu irmão, se deveriam fazer isto ou aquilo?" Nunca, mas fizeram.



■ Oliveira S. Ferreira é diretor do "Estado"

O problema do Brasil não é social, apesar dos milhões de desamparados. É sociológico